

CENTROS URBANOS DE PEQUENA DIMENSÃO: CONTRIBUTOS PARA A SUA REVITALIZAÇÃO

L. Pereira e F. Serdoura

RESUMO

Ao longo de décadas diversas áreas urbanas entraram em declínio, tornando-se em espaços degradados sem vida pública e com população bastante envelhecida. Essas áreas chamaram à atenção para a elaboração de intervenções de revitalização urbana, actuando em diversas frentes (urbana, social, económica e cultural), pretendendo devolver vida pública ao espaço urbano, através das suas acções e programas. No processo de revitalização não é possível intervir num campo sem influenciar os outros, entendendo-o como um sistema interdependente. Pretende-se com este tipo de acção verificar que tipo de funções se podem encontrar no centro do aglomerado urbano. O caso de estudo de Montelavar pretendeu demonstrar que apesar da sua pequena dimensão tem um centro próprio definido através de vias, equipamentos e serviços, com grande potencial para acolher a vida urbana dos seus habitantes e visitantes.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho trata de um tipo de intervenção urbana específica que se encontra voltada na maioria das vezes para espaços que se encontram abandonados e em estado avançado de degradação. Nesta pequena pesquisa observa-se a evolução do conceito de revitalização urbana, que surgiu numa altura de grande instabilidade económica, social e cultural.

O objectivo deste trabalho é o de contribuir para a discussão do impacto que a revitalização urbana tem no ambiente físico e sócio-económico, onde deve tomar uma atitude mais preventiva e não tanto intervencionista. Para estudar o processo de revitalização em centros urbanos em aglomerados de pequena dimensão foi escolhida a Vila de Montelavar, pretendendo desenvolver uma estratégia de revitalização urbana, como medida de atractividade do centro do aglomerado bem como o aglomerado no seu conjunto.

2. EVOLUÇÃO DO PROCESSO DE REVITALIZAÇÃO

O conceito de revitalização urbana surgiu pela primeira vez no final da década de 60 do século XX em Inglaterra, com a necessidade de renovar e revitalizar as zonas de construção massiva do pós-guerra e as zonas de declínio industrial e portuário (Januzzi, 2007:147). Após a segunda grande guerra existiu um crescente número de construções e operações urbanísticas, era necessário retomar a vida nas grandes capitais europeias com a intenção de restabelecer a economia numa sociedade marcada pelo fascismo recente. Inicialmente as operações de revitalização urbana tinham como principal objectivo tentar solucionar os problemas urbanos existentes, através de projectos dirigidos pelo sector

público. O sector público criava as condições necessárias para que o sector privado investisse, resultando assim numa parceria entre as duas frentes intervencionistas.

Após esta fase inicial o conceito evoluiu com a intenção de colmatar as lacunas que existiam nas parcerias entre público e privado. Como resultante destas alterações o sector público passou a assumir uma postura mais intervencionista, pondo de parte os interesses do sector privado. Não existiu a preocupação por quem habita na cidade, tendo apenas como principal objectivo as medidas de resolução dos problemas físicos do aglomerado urbano, sem ter em consideração os aspectos sociais e culturais da população.

Com a evolução dos tempos surgiram novas necessidades, que pressupuseram novas estratégias de intervenção. Desta forma as políticas territoriais tiveram de se adaptar à realidade existente em cada época, o que o levou a constantes mutações do conceito de revitalização urbana, o que o leva este a ser diversas vezes confundido com os vários programas urbanísticos. A regeneração, a reabilitação e a renovação urbana são programas e projectos que fazem parte de uma intervenção mais detalhada de revitalização urbana (Moura, 2006:21). Apesar dos diversos programas urbanísticos terem em consideração os aspectos físicos urbanos, acabam por influenciar a componente social, económico e cultural. Ainda hoje o conceito encontra-se em constante mutação, quer pelas diversas abordagens feitas no território, quer pelas intervenções que foram desenvolvidas pelas políticas territoriais.

Actualmente pode-se dizer que revitalizar “significa tornar a vitalizar, dar nova vida (...) fazer intervenções em edifícios ou áreas urbanas com o fim de torná-los aptos a terem usos mais intensos, torná-los atractivos para desencadear actividades que garantam a vitalidade da área” (Pisani, 1999:1). Apesar de Pisani (1999) se referir às componentes urbanísticas e arquitectónicas no processo de revitalização, esta operação actua de formas diversificadas, sendo estas edificadas ou não edificadas, com a intenção de melhorar a competitividade económica, estimular o desenvolvimento, a integração social e cultural, através do programas e projectos que se encontram articulados entre si.

Essencialmente o processo de revitalização urbana deve ser entendido como uma estratégia/processo que se distingue dos outros programas urbanos, porque “promove um processo com carácter inclusivo e integrador, capaz de provocar iniciativas, projectos e actuações - de carácter transversal e sectorial, sendo um instrumento de gestão do território com capacidade de utilizar, como recursos próprios, programas urbanos muito diferenciados, de cariz social, económico ou cultural” (Moura, 2006:15). Esta estratégia desenvolve-se a médio/longo prazo, na perspectiva de sustentabilidade da intervenção, articulando as oportunidades, as vantagens competitivas e o urbano cada vez mais globalizado, de expressão localizada.

2.1 Centro urbano

Os aglomerados urbanos surgiram numa primeira instancia pela necessidade que o ser homem tem de viver em comunidade, desta forma começaram a aglomerar as diversas edificações para concentrar a população num espaço, formando assim os aglomerados urbanos. Qualquer aglomerado urbano tem um centro principal definido, que pode variar de tamanho consoante a escala que o aglomerado tem no território.

O centro urbano é entre definido pelo edificado que se distingue do restante, isto é, encontramos neste espaço concentrados os serviços, equipamentos e comércio. Geralmente nos aglomerados de pequena dimensão é no centro que encontramos os cafés, mercado, banco, serviços, igreja, junta de freguesia, espaço público, entre outros. São os diversos tipos de centro concentrados apenas num, definindo características próprias para cada centro. Para além dos serviços que são oferecidos neste espaço, é aqui que existe a sociabilização entre toda a comunidade, é o espaço onde toda a população se encontra quer em ocasiões normais quer em actividades religiosas e culturais locais.

Esse é o local onde existe uma maior densidade de edificações e de população, é a partir deste local que se desenvolve o restante aglomerado, com uma menor densidade. A concentração dos edifícios pode variar em função do tipo de crescimento que o aglomerado teve. Enquanto no centro encontramos edifícios em altura para aproveitar de melhor forma terreno urbano, em que o único local livre que encontramos é o espaço público, à medida que nos afastamos do centro vamos encontrando uma menor densificação dos edifícios (edifícios desenvolvidos apenas em piso térreo), lotes ainda por construir, em suma espaço subutilizado dentro do aglomerado.

Para outros autores o centro urbano é apenas um local que se encontra a uma igual distancia em relação a todos os outros pontos, é considerado “o lugar mais próximo de todos” (Vargas, 2006). Esta definição leva-nos a pensar que o centro se encontra num aglomerado urbano de forma geométrica onde é possível definir em concreto a localização do mesmo, o que na minha perspectiva é errado, pois um aglomerado não tem uma forma pré-definida e regular, é algo dinâmico que varia consoante a temporalidade que surgiu e a sociedade que nele habita.

3. O CENTRO URBANO DE MONTELAVAR

Montelavar situa-se na zona caracterizada como rural do Concelho de Sintra, tendo assumido outrora um papel essencial no desenvolvimento da economia do concelho. A vila de Montelavar tem como base económica a indústria do mármore, indústria esta que se encontra em declínio devido à crise económica. Com a falta de mercado de emprego a população começou migrar para o exterior da vila, gerando assim, a desertificação do aglomerado e o envelhecimento populacional.

Para combater os vários aspectos negativos que a instabilidade económica trouxe para o aglomerado em questão, procura-se desenvolver uma estratégia de revitalização urbana que potencie os aspectos económicos, físicos, sociais e culturais, com a intenção do centro de Montelavar e o próprio aglomerado retomarem a sua atractividade.

3.1 Modelo de Sintaxe Espacial

Como medida de apoio à definição do centro urbano de Montelavar estudou-se a afinidade que parece existir entre a configuração da malha urbana, dada pela rede de espaços públicos, a localização das funções urbanas que se observam nesses espaços. Para o efeito estudou-se o papel da estrutura urbana e funcional, tendo em conta informação quantitativa relativa ao espaço urbano e às localizações das actividades económicas no espaço urbano do aglomerado de Montelavar.

A “Sintaxe Espacial” foi o método utilizado para o estudo do espaço urbano, pois permite o estudo das relações que a sociedade desenvolve no território e o papel que esta tem na definição do centro urbano. Esta recorre à configuração espacial, através de um modelo que é delineado tendo como base os vazios dos aglomerados urbanos. As linhas axiais utilizadas no modelo são representativas destes vazios urbanos, tendo estas de corresponder à maior diagonal possível em linha recta (Saboya, 2007) de forma a não induzir o modelo sintáctico em erro.

No modelo sintáctico que se construiu para o caso de estudo, a vila de Montelavar, avaliou-se as medidas de dimensão global e as de dimensão local, para a contribuição da definição do centro urbano. As medidas existentes no modelo de sintaxe espacial são várias, mas para o desenvolvimento do estudo de centros urbanos as que apresentam um maior grau de importância são a integração global, integração local e a conectividade.

A integração é uma medida que prevê os fluxos pedestres e automóveis que são efectuados no espaço urbano, possibilitando ainda o entendimento da lógica da localização de usos urbanos e dos encontros sociais. Com esta definição de integração elaborada, é-nos possível tratar das definições de integração global e local. A integração global corresponde à distância que uma linha axial tem em relação às restantes existentes do modelo, isto é, o número médio de passos topológicos necessários para ir de uma linha às restantes pelo menor caminho (Vargas, 2006). A integração local acaba por funcionar no mesmo sistema que o anterior, diferenciando-se apenas pelo raio de acção que uma linha tem sobre as restantes, pois só trata do número necessários para ir de uma linha axial às linhas mais próximas. Através deste indicador consegue-se determinar os núcleos locais (centros) de cada aglomerado.

3.2 A definição do centro do aglomerado urbano de Montelavar

Observando primeiramente a conectividade (figura 1) do espaço em análise verifica-se que cada um dos aglomerados presente no modelo detém um espaço onde se verifica uma maior conectividade, tendo como base o levantamento de campo efectuado posso dizer correspondendo esta ao seu centro. Observando a representação da conectividade numa escala gráfica (figura2) verificamos que o espaço que contém uma maior conectividade se situa no interior do aglomerado urbano de Montelavar. É o local onde se encontram os serviços, um maior número de comércio, os equipamentos e o espaço público de maior dimensão.



Fig. 1 Representação da conectividade existente em Montelavar e sua envolvente



Fig. 2 Representação da conectividade existente em Montelavar

A integração é uma medida de dimensão local e global que ajuda a perceber os fluxos pedestres e de veículos que são efectuados no espaço urbano, possibilitando ainda o entendimento da lógica da localização de usos urbanos e dos encontros sociais (Saboya, 2007).

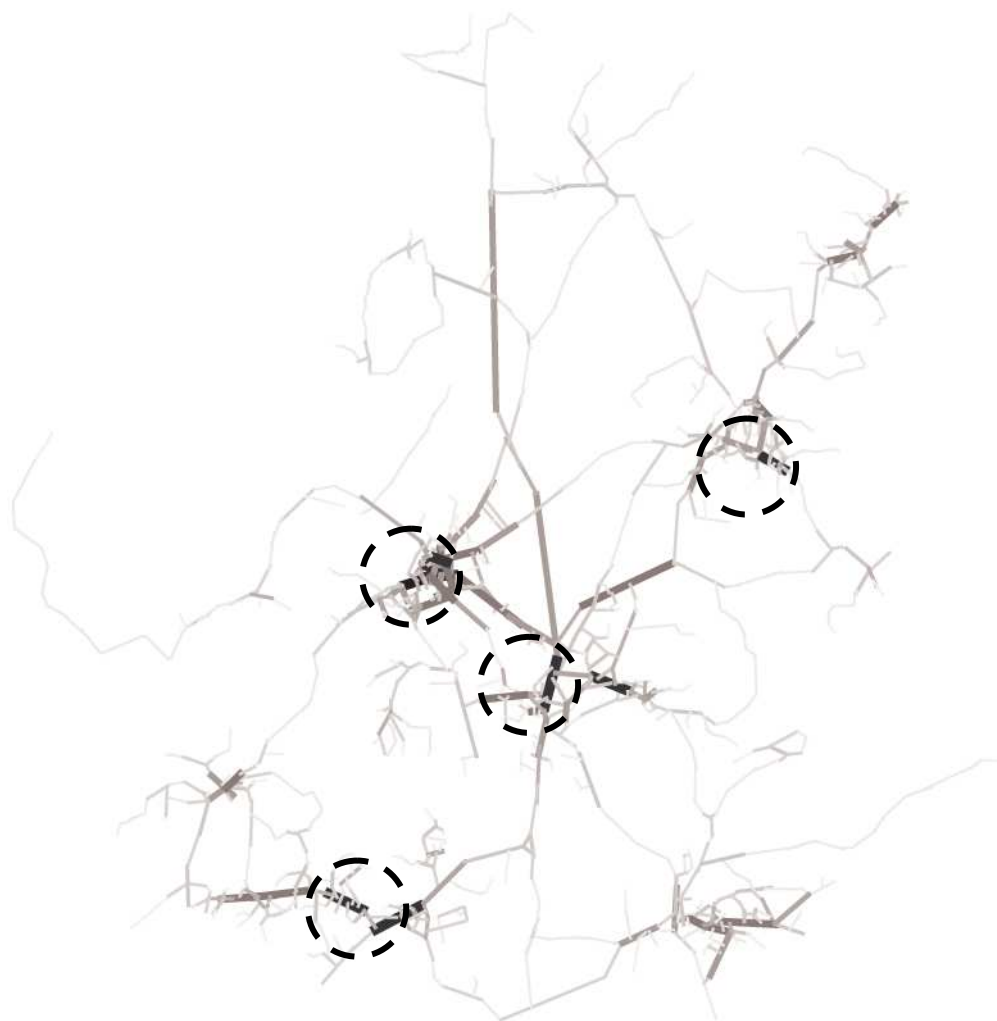


Fig. 3 Representação da integração local de Montelavar e sua envolvente

Analisando a integração local (figura 3) verificamos que este indicador mostra que os locais que se encontram mais integrados localmente, são também os espaços que detêm um maior nível de conectividade. Este indicador só vem reforçar uma vez mais que o modelo de sintaxe espacial define com precisão os centros urbanos dos diversos aglomerados urbanos. Observando mais atentamente verifica-se que no aglomerado urbano de Montelavar encontramos o maior espaço vazio identificado como sendo o espaço mais integrado de todo o modelo sintático. É neste espaço que são realizadas as festas culturais e religiosas do aglomerado, feiras, local onde os habitantes passam os seus tempos livres no jardim público, assim como é também o local por onde todos os visitantes da vila têm de passar acabando por permanecer algum tempo nele. É este o espaço que se distingue de todo o restante aglomerado.



Fig. 4 Representação da integração total de Montelavar e sua envolvente

Já na integração total (figura 4) verifica-se o contrário, o espaço, isto é a via que se encontra mais integrada em relação ao modelo todo, é a via que faz o atravessamento no aglomerado vizinho, o aglomerado de Pêro Pinheiro. Outrora este eixo fez parte de Montelavar, deixando de fazer parte integrante quando foi criada a freguesia de Pêro Pinheiro nos finais da década de oitenta do século XX. Apoiando-me no levantamento do local, verifiquei que a via que se apresenta mais integrada no total do modelo sintáctico é a via que faz a ligação entre as vilas de Sintra e Mafra, revelando então que esta tem bastante importância no desenvolvimento do aglomerado de Pêro Pinheiro, mas que também apoiou no crescimento urbano do aglomerado de Montelavar. É nesse eixo que encontram localizadas as grandes empresas de mármore, super-mercados, entre outras infra-estruturas de apoio à vida urbana.

Apesar do espaço que se encontra mais integrado em relação ao modelo sintáctico não ser no interior de Montelavar, verifica-se que três das vias que fazem ligação entre este eixo e a zona identificada como centro do aglomerado, através dos outros indicadores, encontram-se bastante integradas. É nos cruzamentos e entroncamentos entre estas três vias e o eixo de maior importância que existiam (existindo ainda uma) as grandes empresas de mármore que empregavam a maior parte da população residente na Vila. Isto pode revelar que Montelavar desenvolveu a sua expansão em direcção a este eixo, como forma de ligação entre as residências da sua população e as grandes empresas que os empregavam.

Tendo em consideração o levantamento local elaborado verificou-se que os dois primeiros indicadores definem o centro do aglomerado no local onde encontramos um maior número de comércio, serviços e equipamentos. É neste espaço que encontramos uma maior oferta de cafés, onde encontramos as papelarias presentes no aglomerado, o jardim urbano, o mercado, o espaço onde são realizadas as festas e feiras diversas, é este o espaço que se destaca em relação ao restante aglomerado, tal como referido anteriormente, através dos seus usos excepcionais e pelo grande espaço livre disponível.

O modelo sintáctico revela que o centro do aglomerado urbano de Montelavar contem as funções urbanas de suporte à vivência pública. Com base no levantamento local verificou-se que apesar do espaço identificado como centro, através dos diversos elementos referidos anteriormente, este encontra-se a entrar em decadência. A par do grande número de comércio existente neste espaço encontramos algumas habitações a entrar em estado de degradação ou até mesmo já degradadas, necessitando de uma acção de revitalização como medida de prevenção ou intervencionista. O jardim que durante o dia acolhe pessoas de todas as idades, à noite torna-se um espaço indesejável de frequentar. A falta de iluminação à noite torna o espaço um palco de acções de delinquência, vandalismo do espaço, transacção de estupefacientes e de práticas sexuais. Estas práticas são ainda auxiliadas pela existência de muros que encerram o espaço sobre si próprio.

4. CONCLUSÃO

Não existe uma forma pré-definida para se efectuar acções de revitalização em centros urbanos, estando esta acção inerente ao espaço em que o aglomerado urbano se insere. Com o trabalho desenvolvido, pode-se concluir que Montelavar tem potencial para promover o desenvolvimento económico local, retirando o que de melhor a zona tem para dar, dado que a indústria de mármore existente encontra-se em forte decrescimento.

A aposta na revitalização do aglomerado de Montelavar assentará não só na melhoria da qualidade de vida urbana (mexendo nos aspectos sociais) mas também apostando no desenvolvimento de actividades que desenvolvam a economia local, mantendo as pessoas que aqui habitam ligadas às suas raízes culturais. Aproveitando a reabilitação que já decorrente na quinta que se encontra presente na Vila de Montelavar, será desenvolvida uma unidade hoteleira, com a intenção de aproveitar as dimensões agrícolas que se encontram inerentes ao espaço, recuperando as suas actividades primárias.

BIBLIOGRAFIA

Ganec e Macedo, J. (2006); **Plano de Desenvolvimento Estratégico – Sintra 2015**; Gabinete de Análise Económica da Faculdade de Economia da Universidade Nova de Lisboa, Sintra, Lisboa;

Januzzi, D.; *et al* (2007); Semina: Ciencias Sociais e Humanas – **Intervenções urbanas em áreas deterioradas**; v.28,n.2, Julho/Dezembro; Londrina

Moura, D.; *et al* (2006); **A Revitalização Urbana – Contributos para a definição de um conceito operativo** (em coop.). *Cidades, Comunidades e Territórios*, Nº12-13; Centro de Estudos Territoriais – ISCTE; Lisboa;

Pisani, M. (1999); **Projecto de revitalização em Edifícios**; (SE; SL);

Saboya, R. (2007); URL: <<http://urbanidades.arq.br/2007/09/sintaxe-espacial/>>; Sintaxe Espacial; consultado em: 7/4/2010

Vargas, J. (2003); **Centros urbanos vitais: configuração, dinâmica funcional e carácter das ruas comerciais de Porto Alegre**; Faculdade de Arquitectura e Urbanismo, (SE), Porto Alegre;

Vargas, J. (2006); **O Fenómeno da centralidade – Teoria e Prática (em Porto Alegre)**; Anais do X Encontro de História e Teoria da Arquitectura – “ Cidades gaúchas – transformações e permanências”; (SE; SL)